

JOSÉ MARTÍ, JOSÉ ENRIQUE RODÓ E MANOEL BOMFIM: TRÊS TEMPOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

Davi Siqueira SANTOS¹

RESUMO: O presente estudo propõe dar destaque a algumas discussões elaboradas por três importantes pensadores latino-americanos, cuja produção textual se concentra historicamente na passagem do século XIX para o XX. Começando nosso itinerário pela ilha de José Martí, um intelectual em constante exílio, procuraremos perceber de que maneira são abordados em textos como “Mãe América” e “Nossa América” esse espaço continental muitas vezes encarado como um enigma a se revelar. Em seguida, nos deteremos em algumas considerações sobre o ensaio *Ariel*, de José Enrique Rodó, cujo olhar sobre o continente procurou estabelecer antinomias entre a América Anglo-Saxônica e a Latina. Por fim exploraremos alguns aspectos da abordagem feita por Manoel Bomfim em *A América Latina: males de origem*. Com este procedimento de análise individual procuraremos dar o devido realce a cada um dos autores, permitindo o estabelecimento de associações mais livres e autônomas, e por essa razão, mais profundas.

Palavras-chave: José Martí; José Enrique Rodó; Manoel Bomfim.

ABSTRACT: This study aims to discuss some arguments proposed by three important Latin-American authors, whose textual production is historically concentrated in the late nineteenth to the twentieth century. Starting our journey through the island of José Martí, an intellectual that was always in exile, we'll try to understand how the Latin-American enigma is solved in texts like “Mãe América” e “Nossa América”. Afterwards we'll make some notes about the essay *Ariel* by José Enrique Rodó that looks to the continental problems trying to develop oppositions between Anglo America and Latin America. To finish we'll look into some aspects of the thoughts of Manoel Bomfim in “A America Latina: males de origem”. Using this procedure of individual analysis we'll try to give emphasis to each of the authors, allowing the establishment of free and autonomous associations, and therefore, more profound.

Keywords: José Martí; José Enrique Rodó; Manoel Bomfim.

Nossa América. A chave do enigma latino-americano.

O pensamento de José Martí (1853-1895) em relação à América Latina passou por sucessivas transformações ao longo das mais de duas décadas em que o autor circulou por diversos países – Espanha, Venezuela, Guatemala, México e EUA –, e das experiências resultantes de estudos e discussões sobre o desafiador “enigma hispano-americano”. Sendo assim, seu conceito de *Nossa América* não permaneceu invariável, pelo contrário, ante ao conjunto de suas experiências históricas, a configuração de seu discurso foi ganhando vigor. Nesta oportunidade serão discutidas algumas das idéias desse importante intelectual cubano, que se sobressaem nos ensaios *Mãe América* (1889) e *Nossa América* (1891).

¹ Aluno de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Literatura da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis. UNESP/FAPESP.

Ao se aproximar destes textos uma das coisas que mais surpreendem é a fabulosa capacidade de reunir tão ricas reflexões em um discurso tão enxuto. Martí força as palavras a darem seu máximo de significação, revelando assim sua veia poética, ao mesmo tempo em que, devido ao denso teor político de seus escritos, manifesta seu ofício de intelectual, empregando seus conhecimentos para interferir em campos que não se limitam apenas a interesses artísticos, mas abrangem, sobretudo, necessidades sociais, políticas e econômicas latino-americanas.

Pode-se dizer que José Martí é um “homem condensado”, não somente porque possuía baixa estatura física, mas porque manifesta uma grande capacidade de síntese textual. Sem contar que sua figura passou a representar a essência do papel intelectual em terreno latino americano, haja vista que atuou não apenas como poeta cubano, mas como político, e ainda como pensador, cronista e revolucionário audacioso. Por tudo isso é referido como um homem múltiplo e conciso.

Dessa maneira, o interesse por este singular personagem se justifica, uma vez que já se encontram em escritos martianos muitas idéias que serão peças-chave em reflexões desenvolvidas por outros autores que, como Martí, procuram elaborar alguns conceitos capazes de trabalhar as singularidades dos povos em terras latino-americanas. Como discutir estes “enigmas” presentes em textos, como o do uruguaio José Enrique Rodó e do brasileiro Manoel Bomfim, sem antes abordarmos o trabalho do pioneiro desta geração de virada do século, chamado José Martí?

No ano de 1889, ao escrever *Madre América*, Martí traça um curioso paralelo entre as Américas, Anglo-saxônica e Latina. Enquanto aquela nasce de um “enorme anseio de liberdade”, esta tem uma origem “confusa e manchada de sangue”. As diferenças se acentuam quando se condensa a comparação entre as Américas da seguinte maneira. De um lado, “(...) suecos místicos, alemães fervorosos, hunguenotes francos, escoceses altivos, batavos econômicos; trazem arados, sementes, teares, harpas, salmos, livros”. (Martí, 1983, p.188). Enquanto na formação de *nossa América* destaca:

Os barcos vinham cheios de cavaleiros de meia couraça, de filhos deserdados, de alferes rebeldes, de bacharéis e clérigos famintos. Trazem colubrinhas, rodela, picaretas, coxotes, capacetes, espaldares, elmos, cães. Desembainham a espada aos quatro ventos, declaram que a terra é do rei e saqueiam os templos de ouro. (Martí, 1983, p.189)

Porém, engana-se quem, por algum momento, imagina que ao estabelecer estas dessemelhanças entre as Américas, Martí passe a endossar, nas discrepâncias, qualquer

espécie de consentimento quanto a divisões entre uma América progressista e outra retrógrada. Pelo contrário, o autor usará a aparente desvantagem como base de sustentação para a criação identitária de uma América Latina forte, guerreira e vencedora veloz de seu passado. Então vejamos: “E todo esse veneno, nós o tornamos seiva! Nunca, de tanta oposição e desgraça, nasceu um povo mais precoce, mais generoso, mais firme” (MARTÍ, 1983, p.191).

Para Martí, já em *Mãe América*, o momento caótico era propício para aqueles que tanto haviam perdido – após séculos de destruição – referências de beleza, bondade e verdade, iniciar sua luta por libertação, transformando veneno em seiva, derrota em vitória, pobreza em riqueza; pois se tratava da constituição de um povo forte e capaz.

Por outro lado, no ensaio *Nossa América* (1891), o processo de construção identitária latino-americana ganha maior densidade e poder de argumentação. Martí inicia sua mensagem chamando todos de nossa América para se conhecerem e se unirem: “Os povos que não se conhecem devem ter pressa em se conhecer, como aqueles que vão lutar juntos”. (Martí, 1983, p.194). Conhecer é uma palavra central neste projeto, muitas vezes tido como, revolucionário para uns e utópico para outros: “Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento é o único modo de livrá-lo de tiranias”. (Martí, 1983, p.197)

Ao propor a liberdade por meio do saber, espera atribuir ao povo uma posição independente em relação às heranças do passado colonial, uma vez que, implicitamente, prevê a produção de um novo produto histórico, genuinamente latino-americano, e facilmente destacável do europeu. Este distanciamento do olhar europeu seria mais que um sinal de saúde social, seria a única maneira de nossa América encontrar-se consigo mesma.

Todavia, por perceber permanências imutáveis após o ato de Independência, diz: “(...) a constituição hierárquica das colônias resistia à organização democrática da República (...)” (Martí, 1983, p.197). Ou ainda: “O problema da independência não era uma mudança de forma, mas uma mudança de espírito. (...) A colônia continuou vivendo na república” (Martí, 1983, p.198).

Ante tal quadro de luta contra o passado, Martí lança conselhos: “em tempos duros: ao facão não cabe bainha de seda” (p.198) e estabelece um dever aos povos de independência ameaçada:

[...] o dever urgente de nossa América é mostrar-se como é, unida em alma e intenção, vencedora veloz de um passado sufocante, manchada apenas com o sangue do adubo, arrancado das mãos, na luta com as ruínas, e o das veias que nossos donos furaram. (Martí, 1983, p.200)

Desafiador. Talvez essa seja a palavra-sensação para um leitor atencioso de Martí. Tanto é assim que este ilustre personagem, não apenas cubano, mas de nossa América, teve seu prematuro fim em um campo de luta muito mais ativo que se possa pretender qualquer morna intelectualidade, sofrendo conseqüências últimas de um ato armado extremo, pela independência de seu país.

Ariel. Uma porta aberta a poucos.

Talvez a maior contribuição deixada pelo uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), no que diz respeito a um estudo supranacional, capaz de abarcar diversos países do continente americano, esteja condensada no opúsculo *Ariel*, publicado em 1900. *Ariel* contém uma enormidade de riquezas. Utiliza-se de personagens presentes em obras clássicas da literatura ocidental, como Próspero, Calibã e Ariel da peça *A Tempestade* de William Shakespeare, além disso, é dado destaque, no final do ensaio, ao jovem Enjolras, revolucionário radical que lidera a insurreição de 1832 na França, mas acaba fuzilado por um esquadrão do governo francês em *Os Miseráveis* de Victor Hugo. Enfim, Rodó funde referências diversas na criação de um novo discurso que tem, por sua vez, o objetivo de fazer pensar nos conflitos vividos em território americano.

Sua matriz teórica, de origem européia, é evidenciada nas citações que faz de Ernest Renan, Jean-Marie Guyau, Auguste Comte, Thomas Carlyle, Hebert Spencer, entre outros. Seu eruditismo, seu apreço pelo que há de belo e bom, o levam a idealizar na juventude americana um *status* supremo. Próspero-Rodó aproxima as qualidades presentes na juventude de seus discípulos às características de uma civilização em que “um sopro de encantadora adolescência passou roçando pelo rosto sereno de uma raça”. (Rodó, 1991, p.18).

Neste sentido, refere-se à jovem Grécia, agraciada pelos deuses com uma juventude imorredoura.

[...] desse divino jogo de crianças nas praias do arquipélago e à sombra das oliveiras da Jônia, nasceram a Arte, a Filosofia, o pensamento livre, a curiosidade da investigação, a consciência da dignidade humana, todos esses estímulos de Deus que ainda são nossa inspiração e nosso orgulho. (Rodó, 1991, p.19)

Assim, Rodó coloca no centro de sua mensagem a juventude americana, sob o paradigma da civilização grega somado ao espírito dos primeiros seguidores de Jesus – em

essência moços visionários. Essa juventude seleta, representativa, seria capaz, porém, de disseminar as “boas novas do evangelho de Próspero” aos demais latino-americanos.

O ensaio está dividido em seis partes, além de um prólogo e um epílogo que dão conta das informações introdutórias, bem como do desfecho com a dispersão dos alunos após o encontro com o professor Próspero. A primeira parte irá falar, sobretudo, da necessidade de uma juventude ativa realizando metas ideais. A segunda já introduz a indesejável disseminação do utilitarismo empobrecedor e mutilador do espírito, uma vez que estabelece a tirania de um objetivo único e interessado no coração das pessoas, enquanto para Próspero nem a vida dos indivíduos, nem a vida das sociedades, deviam se abastecer de um objetivo único e exclusivo: “Aspirai, pois, a desenvolver no possível não apenas um aspecto, mas a plenitude de vosso ser”. (Rodó, 1991, p.27)

A terceira parte contém uma valorização do “sentimento do belo”, e essa busca por uma compreensão do belo se justifica quando Próspero diz: “Parece-me indubitável que quem aprendeu a distinguir entre o vulgar e o delicado, o feio e o belo, já tem meio caminho andado para distinguir entre o mal e o bem” (Rodó, 1991, p.41) Na quarta parte intensifica-se a crítica ao utilitarismo. No entanto, será na quinta e na sexta, segmentos finais de seu ensaio, que Próspero-Rodó falará reiteradamente na presença dos Estados Unidos como representantes do espírito utilitário e da democracia mal entendida.

Após essa rápida análise da estrutura e da temática da obra, fica mais fácil perceber as intenções e desejos reais deste “arielismo” que, inicialmente, pode parecer algo exclusivamente simbólico e etéreo. Contudo, ao se aproximar com sentidos mais acurados, tentando decifrar os símbolos e imagens metafóricas, dá-se conta do contundente discurso crítico e político que, a poeticidade aparente, parece ocultar.

Destaca-se agora, com o intuito de uma análise mais consistente, a discussão, presente em *Ariel*, do conceito de democracia, como se pode ver na citação que segue.

[...] quando a democracia não enaltece seu espírito pela influência de uma forte preocupação ideal que compartilhe seu império com a preocupação pelos interesses materiais, ela conduz fatalmente ao convívio da mediocridade e, mais do que qualquer outro regime, carece de barreiras eficientes que assegurem a inviolabilidade da alta cultura dentro de um ambiente adequado. (Rodó, 1991, p.52)

Rodó posiciona-se contra o que se tornou uma idéia popular de democracia – igualdade de oportunidade a todos. Segundo o uruguaio, no anseio de se atingir essa totalidade, obtém-se uma inevitável queda no índice de bom gosto, boa educação, boa

estruturação artístico-cultural, entre outras questões. Por isso acusa a democracia de não erigir barreiras de proteção à alta cultura, sendo esta violada em seu aspecto mais sublime e desinteressado. Fred Warner Neal, no *Dicionário de Ciências Sociais*, em verbete reservado à palavra ‘democracia’ destaca:

No seu emprego mais amplo e mais recente, a ênfase conferida ao termo democracia passou a se concentrar cada vez mais no nivelamento da sociedade. (...) Com isso, há também uma crescente ênfase na igualdade social de todos os homens, uma igualdade de respeito que transcende o *status*, a riqueza e o poder; uma igualdade de consideração que busca para cada homem a mais completa realização das potencialidades de sua personalidade, de acordo com algum critério humanístico. (Silva, 1986, p.317)

Entretanto, para Rodó, na tentativa de se atender aos prazeres imediatos, e por isso utilitaristas, de um grande número de indivíduos de uma sociedade, a democracia perdeu o interesse por qualquer preocupação ideal e passou a abastecer apenas o império das preocupações materiais em um meio que, hoje, poderia se chamar de sociedade de consumo. Este desequilíbrio entre o ideal e o útil, que Rodó acusa estar impregnado em alto grau na República Norte-Americana, traria a desestruturação total da alta cultura nos povos latinos. A sociedade se incapacitaria de produzir e saber desfrutar de um interesse elevado. A democracia, neste sentido de interpretação, estimularia o nivelamento de todos por baixo, seria uma grande destruidora da genialidade.

Toda igualdade de condições é, na ordem das sociedades, tal como a homogeneidade na ordem da Natureza, um equilíbrio instável. A partir do momento em que a democracia tenha realizado sua obra de negação com o nivelamento das superioridades injustas, a igualdade conquistada não pode significar para ela senão um ponto de partida. Resta a afirmação. E o afirmativo e a glória da democracia consistirão em suscitar em seu seio, através de estímulos eficazes, a revelação e o domínio das *verdadeiras* superioridades humanas. (Rodó, 1991, p.53)

Na perspectiva de Rodó, os que se mantivessem, após o nivelamento geral e irrestrito entre todos os membros da sociedade – fruto do regime democrático –, prosseguindo seu percurso de subida aos mais elevados picos do saber e cultura, seriam os agentes que transformariam nossa América em um altar definitivo para abrigar a estátua de Ariel. Os mais capazes comporiam este conjunto de jovens a quem Próspero clama por união, e os incumbe de serem guias da multidão: “massa indiferente e obscura”.

A América Latina: males de origem. Uma porta aberta aos esquecidos.

Pode-se dizer que Manoel Bomfim (1863-1932) quando decide escrever sua obra inaugural já trazia, há alguns anos, anotações esparsas sobre assuntos referentes aos países do bloco latino-americano. Porém, é nítido que seu desejo de estudar e buscar compreender as realidades destes países se intensifica na medida em que Bomfim, no ano de 1902, em solo europeu, entra em contato com o que chama de “opinião corrente” européia, a respeito deste vasto pedaço de continente situado na outra margem do Atlântico.

Tanto é assim que, *A América Latina: males de origem* (1905) tem uma Primeira Parte: *A América Latina: estudo de Parasitismo Social*, especialmente dedicada a analisar como a opinião pública européia tratava estas recentes nacionalidades, e ainda, quais eram as conseqüências destes juízos sobre elas. Em uma fórmula simples, pode-se sintetizar essa idéia dizendo que, para Bomfim, quem primeiro age agressivamente sobre os países latino-americanos são os teóricos e pensadores europeus, pois os difamam. Em seguida os Estados Unidos, por meio da “teoria de Monroe” passam a os “preservar”, porém adotando uma suposta idéia de fragilidade político-social. Sendo assim, consideram-se soberanos para empregar uma política de intervenção em níveis: econômico, político e cultural; da maneira como bem entenderem, seguindo a dimensão que acharem mais conveniente aos seus próprios interesses.

Essa idéia está clara quando Bomfim diz:

Por ora, preserva-nos a teoria de Monroe por detrás do poder e riqueza dos EUA; e é este um dos graves inconvenientes da atitude malévola e agressiva da Europa. A perspectiva de um ataque nem por isso desaparece; nada nos garante que a grande República queira manter, para sempre, esse papel de salvaguarda e defesa das nações sul-americanas. É preciso notar que sobre a opinião pública norte-americana se refletem os efeitos dos juízos e conceitos com que a Europa nos condena, e que os políticos americanos nos consideram também: *ingovernáveis, imprestáveis* quase. (Bomfim, 2005, p.48)

É importante destacar o quanto Manoel Bomfim se incomodava com a leitura leviana e inseqüente feita por muitos dos grandes “publicistas e sociólogos europeus”. Chega ao ponto de dizer: “Somos a criança a quem se repete continuamente: ‘Não prestas para nada; nunca serás nada...’, e que acabará aceitando essa opinião, conformando-se com ela, desmoralizando-se, perdendo todos os estímulos”. (Bomfim, 2005, p.47) É diante deste conflito, quase existencial, que somos introduzidos nesta análise sobre a América Latina preparada por este, tão notável, autor sergipano.

Partindo deste ponto inicial, saltaremos algumas partes desta obra, com o intuito de melhor estabelecer as relações que ora se propõe. Pretende-se, assim, um acurado exame do último tópico, presente na Quinta Parte: *As novas sociedades*, e intitulado “As nações sul-americanas em face à civilização e ao progresso”, bem como do último capítulo que trataremos como um ensaio conclusivo: “Resumo e conclusão”, por ser um texto que sobrevive independente dos demais, pois se apresenta completo dentro de si mesmo. Desta maneira, procura-se atar as duas pontas desta obra de grande fôlego, a fim de mantê-la bem urdida.

Após desenvolver indagações a respeito da pretensa inferioridade étnica, bem como da existência ou não de incapacidades para o estabelecimento da civilização e do progresso nestas sociedades sul-americanas, Bomfim apresenta uma resposta contundente, quiçá tentando sintetizar toda cadeia de causalidades sociais em uma afirmação única e categórica: “(...) é o parasitismo, sempre e por toda parte o parasitismo, causa das causas, causa primeira, resumindo a história de todas as decadências em que vão desaparecendo os povos e as civilizações”. (Bomfim, 2005, p.327-328) É com essa determinação que o autor propõe discutir toda e qualquer acusação de atraso e desorganização sócio-econômica subcontinental.

Analisa então os efeitos morais do parasitismo, abordando a degeneração e decadência provocada por este regime de exploração; denuncia as desigualdades de classes, e conclui dizendo que a exploração parasitária levou até mesmo o tão majestoso Império de Roma ao declínio.

Porém, não é somente em tom ácido de crítica que Bomfim conduz sua reflexão sobre as nações sul-americanas ante a civilização e o progresso. Falará, por outro lado, que estas repúblicas se encontram no momento de maior êxito: “(...) nunca estiveram em estado mais próspero, nem mais adiantado e culto que o atual”. (Bomfim, 2005, p.336)

Diante de tal quadro transformativo, o autor se vê apto a desenvolver um elogio ao ato de *vontade*: “Sim, a vontade nesses povos parece frouxa”. (Bomfim, 2005, p.337). Acreditando que, ao despertá-la, conseguirá bons resultados nessas nacionalidades, que, apesar de herdeiras de um passado funesto, tornam-se, segundo o autor, cada dia mais promissoras. Define o que seria este sentimento dizendo:

Vontade é o ato do espírito pelo qual o homem *examina, escolhe, delibera e decide*, em vista das condições e situações novas que a vida lhe oferece, no seu transformar contínuo; é a faculdade de achar o caminho para avançar, e de atender aos imprevistos que se ofereçam na derrota para o futuro. (Bomfim, 2005, p.337)

Passa, então, a estabelecer um contraste entre vontade e inércia, dizendo que, enquanto a primeira é a essência da atividade e da transformação, a segunda é a essência da conservação e da resistência. Nessa medida, ataca diretamente o conservadorismo reinante entre os povos de jovem formação. Conservar-se, em tais condições, é manter-se parado e distante das novas propostas de civilização e progresso.

Dando prosseguimento ao seu critério comparativo entre a América Latina e os demais países centrais do continente europeu, Bomfim propõe a seguinte reflexão:

Certo, o estado destes países novos não é, em nenhum deles, comparável ao da França, Alemanha ou Inglaterra, e, por isso, a alguns parece que eles não progridem. Pensem esses pessimistas no que eram as nações latino-americanas há 60 ou 80 anos atrás (...). Em verdade, aqui, o essencial para o progresso não fora a independência, e sim o substituir-se um regime arcaico e opressivo por instituições livres e progressistas. Por isto, em certos pontos o progresso não começou ainda; mas, aí mesmo, uma vez *desembaraçada* de todo o caminho, a evolução será rápida, principalmente porque a massa da população, em si, é menos conservadora, é mais maleável que nas velhas sociedades européias, com os seus costumes e tradições multisseculares. (Bomfim, 2005, p.341)

Pode-se perceber a presença de um significativo otimismo em seu pensamento em relação à “massa da população”. Momentos antes no texto já havia indicado este seu sentimento quando, afirmando que a vontade pode ser desenvolvida, via exercício, e fortalecida, via educação, dizia: “Eduquem-se as almas inconstantes destas populações, (...) e daí sairão as gerações de fortes, capazes de dominar-se a si mesmos, capazes de lutar e progredir”. (Bomfim, 2005, p.339). Agora, em mais uma demonstração de apreço latino-americano chega a dizer que o parasitismo é um fenômeno reversível, ou seja, passível de cura nos organismo parasitados; enquanto nos decaídos, inaptos e degenerados parasitas, tal retorno não é tão simples:

O organismo da colônia perturba-se, não há dúvida, pelo efeito do regime parasitário; adquire, mesmo, grande número dos vícios e defeitos sociais que se desenvolvem por influência desse regime (...); mas não participa da degeneração integral que invade a metrópole. (Bomfim, 2005, p.342)

A interpretação que Bomfim faz é que, enquanto a colônia foi forçada, por séculos, a produzir duplamente, a metrópole se acomodou de tal forma que se incapacitou de prover suas necessidades pelos recursos naturais, habituando-se a viver à custa de outro. Desta maneira, findado este vínculo metrópole-colônia, a primeira encontraria total dificuldade para

se manter autônoma, pois perdera, ao longo da relação, seus instrumentos próprios de produção.

Contudo será no que se pode denominar de “ensaio sintetizador” desta longa obra de interpretação social latino-americana, que Bomfim irá colocar o fecho central de sua análise. Assim, em “Resumo e conclusão”, tem-se toda *A América Latina* condensada em um trabalho primoroso de autor consciente de seus intentos.

Começa por afirmar que “A natureza e a origem dos males nos indicarão o remédio”. (p.351) Aflorando sua formação em medicina, fala em males, mas também prescreve um remédio para a cura de tais dissabores. E é disso que se tratará a seguir.

Comparando a colonização inglesa com a portuguesa/espanhola, Bomfim deseja delinear, ressaltando a especificidade do passado histórico latino-americano, um melhor panorama dos males que quer expor.

Vinham da península, não para fazer aqui uma nova pátria – americana e livre, como essas da América inglesa –, mas unicamente para entesourar (...). Na colônia, só o cativo trabalhava; todo mundo explorava e oprimia; a produção dependia, apenas, do número de cativo e da crueza dos açoites; o progresso foi condenado por inútil, a inteligência perseguida como perigosa. O colono sobre o cativo, o fisco sobre o colono, o absolutismo e o arcaísmo religioso sobre todos, afundavam, de mais a mais, estas sociedades na miséria, no aviltamento e no obscurantismo. (Bomfim, 2005, p.354)

Mais adiante expõe as conseqüências deste passado:

O resultado desse passado recalcitrante é esta sociedade que aí está: pobre, esgotada, ignara, embrutecida, apática, sem noção do próprio valor, esperando dos céus o remédio à sua miséria, pedindo fortuna ao azar – loterias, jogo de bichos, romarias, “ex-votos”; analfabetismo, incompetência, falta de preparo para a vida, superstições e crendices, teias de aranha sobre inteligências abandonadas... (Bomfim, 2005, p.358)

Diante de tão graves e complexos males, o “médico social” Manoel Bomfim, por diversas vezes, oferece a indicação de um remédio: “Eis a conclusão última desta longa demonstração: a necessidade imprescritível de atender-se à instrução popular, se a América Latina se quer salvar”. (Bomfim, 2005, p.360) Ou ainda:

Reclamando a difusão da instrução, a prática da ciência, como o meio de curar os nossos males essenciais, e de avançar para o progresso, não queremos atribuir à cultura intelectual nenhuma virtude miraculosa, senão a importância que ela teve e tem na história da civilização. (Bomfim, 2005, p.363)

Porém os portadores destes *medicamentos* seriam agentes sociais possuidores de uma refinada cultura intelectual. Por essa razão, Bomfim deposita este “dever iniludível” nas mãos daqueles que acredita constituir uma “classe dirigente”. Entretanto, formula primeiramente seu chamado a uma minoria mais seleta ainda de ilustrados – pertencente às mais altas categorias sociais – procurando estimulá-los a se engajarem na difusão de programas educativos para a massa popular.

Este pequeno grupo deveria contagiar seus iguais ao derredor, conscientizando-os. Por essa razão, Bomfim, solicitará aos mais radicais e adiantados membros da “classe dirigente” que:

Fale-se-lhes ao coração, recorra-se ao amor-próprio, lembrem-se-lhes as glórias e o renome com que a grande obra consagrará quem a realize; fustigue-se o egoísmo imediato desses que estão com a República – porque esta lhes pertence, invoque-se o instinto da própria conservação, mostrando-se-lhes que uma República, uma democracia, que deixa fora de si, indiferente e nula, a grande maioria dos indivíduos é monstruosa, não pode ser duradoura. (...). Faça-se-lhes sentir, em suma, que não há outro meio de evitar o fracasso absoluto destes esboços de civilização latino-americana e que, no desastre final, serão eles próprios – os dirigentes – os mais infelizes. (Bomfim, 2005, p.376)

Cumprido este papel de conscientizadores da elite intelectual, possível promotora da instrução popular, o próximo passo destes “guerreiros intelectuais” seria lutar contra a grande ignorância que assolava a população. “A grandeza e a extensão do infortúnio não são razões para cruzar os braços. Façamos a campanha contra a ignorância; não há outro meio de salvar esta América”. (Bomfim, 2005, p.361) E mais adiante acrescenta: “Não há regime livre na ignorância; para libertar os homens, o primeiro passo é desembaraçá-los dessa ignorância e entregá-los à posse da própria inteligência”. (Bomfim, 2005, p.368)

Como é possível perceber Bomfim em seu “Resumo e conclusão” traça, com nitidez, o percurso que percorreu com mais sinuosidade ao longo de toda *A América Latina*. Assim, tem-se o perfil das reflexões de Bomfim em duas pontas extremas de sua obra. Saindo do primeiro capítulo e entrando direto em seus momentos finais, pretende-se não apenas atar as duas pontas da obra e construir uma significação que, às vezes, permaneceria obscura no cipoal dos seus muitos argumentos e conceitos presentes no livro, mas principalmente revelar

como Bomfim responde aos ataques dos “publicistas e sociólogos europeus” mostrando o quão complexa é a realidade latino-americana e, qualquer tentativa de simplificá-la com argumentos frágeis de inferioridade racial, insalubridade tropical, entre outros, resultaria em um estudo de pouca relevância.

Bomfim oferece a instrução popular como saída. Está claro que essa é uma saída muito mais digna e razoável que pedidos de branqueamento racial, por exemplo, mesmo que incompleta e parcial como toda única saída para um conjunto de problemas em países que sofrem de crises estruturais tão complexas.

Em um só tempo: chave e portas.

Após uma rápida análise separada destas três interpretações em relação à América Latina, surge um desejo de amarração, concatenação, aproximação íntima entre estes pensamentos. Porém, talvez, isso não seja tão importante neste momento, uma vez que, cada autor se mantendo sozinho falará mais expansivamente. Uma síntese prematura talvez venha impedir que novas discussões germinem esse estudo em processo.

O que se pode ofertar, agora, é a impressão, não se sabe se sustentável ou se ainda mera sugestão, de que nas discussões em âmbito latino-americano o pensamento de José Martí é muitas vezes trabalhado como uma chave-mestra no que concerne à produção de discursos identitários, enquanto Rodó e seu *Ariel* são recebidos com ressalvas por seu caráter elitista, sendo, por essa razão, uma saída oferecida a poucos. Por outro lado, o posicionamento de Manoel Bomfim encontra na difusão da educação popular uma alternativa para a consolidação de um povo latino-americano livre e autêntico, por essa razão, Bomfim seria uma opção de porta aberta aos esquecidos, ou melhor, àqueles que historicamente ficaram à margem do processo de afirmação econômico-sócio-cultural capitalista.

Visto deste ângulo, pode-se perceber que os três projetos de construção identitária latino-americana se complementam e se harmonizam justamente porque onde um apresenta lacunas, o outro está apto a oferecer certo tipo de preenchimento.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MARTÍ, José. Mãe América; Nossa América. In: RETAMAR, Roberto Fernández (org.) **José Martí, Nossa América** (antologia). Tradução de Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Editora UNICAMP, 1991.

SILVA, Benedicto (org.). **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986.